

POLLYANNA

Eleanor Porter



Adaptação de João Anzanello Carrascoza • Ilustrações de Orlando

- O ilustrador Orlando foi indicado ao troféu HQ Mix na categoria Ilustrador de Livro Infantil por esta obra.

Pollyanna
© João Anzanello Carrascoza, 2004

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Claudia Morales
Editora-assistente	Marcia Camargo
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista

ARTE	
Editor	Antonio Paulos
Diagramador	Claudemir Camargo
Editoração eletrônica	Divina Rocha Corte
Editoração eletrônica de imagens	Cesar Wolf

Seção Por trás da história	
Texto	Baby Siqueira Abrão
Projeto gráfico e diagramação	Marcos Lisboa
Pesquisa iconográfica	Silvio Kligin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C299p
Carrascoza, João Anzanello, 1962-
Pollyanna / Eleanor Porter ; adaptação de João Anzanello
Carrascoza ; ilustrações de Orlando. - São Paulo : Ática, 2007
il. - (O Tesouro dos Clássicos)
Adaptação de: Pollyanna / Eleanor Porter
Inclui apêndice

ISBN 978-85-08-09947-4

1. Literatura infantojuvenil. I. Porter, Eleanor H. (Eleanor Hodgman), 1868-1920. II. Orlando, 1959-. III. Título. IV. Série.

05-1976.	CDD 028.5
	CDU 087.5

ISBN 978 85 08 09947-4 (aluno)

CL: 733261

CAE: 207040

2019

1ª edição

15ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

1. A menina sardenta	5
2. O começo do jogo	11
3. Primeiro o dever	17
4. Amigos	23
5. Surpresas.....	29
6. Passando a limpo	35
7. De cama.....	39
8. Jogo duro	47
9. Um lance decisivo.....	53
Por trás da história	56



A menina sardenta



Sou empregada de Miss Polly, única herdeira da família Harrington, uma das mais ricas dessa cidadezinha de Beldingsville. Lavava os pratos quando ouvi a campainha tocar. Fui atender: era o carteiro com uma carta para a patroa. Reconheci a letra de Pollyanna e meu coração disparou.

Fechei a porta da sala envolta na penumbra. O prisma pendurado diante da janela balançava ao vento. E, então, recordei-me de outra carta que Miss Polly recebera, um ano antes, e que mudara inteiramente nossas vidas.

Naquela época, eu trabalhava para ela fazia apenas dois meses e ainda não me acostumara com seu gênio. Aos quarenta anos, sozinha

no mundo, vivia de mau humor, e eu, por inexperiência diante de seu constante desgosto, não sabia como agradá-la.

Depois de lhe entregar aquela carta, percebi que Miss Polly ficara mais nervosa do que de costume. Tom, o velho jardineiro, e seu filho, Timothy, também se alarmaram com a exagerada agitação dela. Andava pela casa, de lá para cá, sem parar, até que veio à cozinha.

– Nancy, vá limpar o quartinho do sótão – disse-me, secamente. – Tire a poeira e arrume a cama.

– Sim, senhora – respondi.

– Minha sobrinha, Pollyanna, de onze anos, vem morar comigo – prosseguiu. – Ela vai dormir lá!

– Uma garotinha aqui, que bom! – exclamei, lembrando-me de minhas irmãs menores, que viviam longe de mim, no The Corners.

Miss Polly me olhou contrariada. Mesmo assim, repeti que uma criança iria alegrar a casa e fazer bem a ela, tão solitária...

– Não preciso de companhia! – disse-me, irritada.

E, como não tinha com quem partilhar a sua inquietude, Miss Polly acabou por desabafar comigo, lembrando a história de sua família.

Sua irmã mais velha, Jennie, fora cortejada por um homem rico. Mas, contra a vontade de todos, teimara em se casar com um pobre pastor da igreja e fora viver no norte do país. De lá, escrevera algumas vezes. Numa delas, comunicara o nascimento de sua filha, a quem dera o nome de Pollyanna, em homenagem à própria Miss Polly e a outra de suas irmãs, Anna. A mágoa ainda persistia entre os familiares e, quando começaram a cogitar

uma reconciliação com Jennie, chegou a notícia de sua morte.

Dez anos se passaram. E eis que, de repente, chegara aquela carta, informando que o pai de Pollyanna também morreria. Como única parente viva, caberia a ela a guarda da órfã.

– Agora tenho de criar o filho dos outros! – resmungou Miss Polly, aflita, prevendo as mudanças que a menina provocaria em sua vida.

Retirou-se da cozinha e eu, obedecendo-a, fui limpar o quartinho do sótão. Também gostaria de poder varrer os maus sentimentos de sua alma. Como podia botar a criança ali, num lugar horrível, sem ventilação, quando havia tantos quartos confortáveis naquele casarão?

Fiz o serviço o melhor que podia e saí para o jardim. Falei com Tom sobre a vinda de Pollyanna; ele se lembrava bem da mãe dela, Jennie.

– Era um anjo – comentou. – A menina deve ser igual a ela.

– Miss Polly vai colocá-la no quartinho do sótão – eu disse, inconformada. – É uma mulher sem coração!

– Você não a conhece bem – disse ele. – É uma pessoa boa. Teve até um grande amor.

– Não posso acreditar que alguém a amou – eu disse.

– Mas é verdade – disse Tom. – E, depois que romperam o namoro, ela ficou assim. Prendeu os cabelos e se veste como velha. Mas, se Miss Polly se cuidasse, você veria como é linda.

“Talvez por isso ela não queria se apegar à ninguém”, pensei.

No dia seguinte, eu estava passando roupas quando Miss Polly me chamou:

– Nancy, vá com Timothy à estação de trem buscar minha sobrinha.

– A senhora não vai? – estranhei.

– Não – ela respondeu. – Não é preciso.

Segui para a estação, pensando em sua frieza e imaginando o que seria da pobre menina.

